

EQUIPE FEB

# Bezerra *de* Menezes

Ontem e Hoje



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



## À guisa de apresentação



Completam-se, nesta data, cem anos da desencarnação de Adolfo Bezerra de Menezes, o mais proeminente vulto do Movimento Espírita Brasileiro, tanto pela amplitude, gravidade e conseqüências de suas iniciativas em prol da união e unificação dos espíritas, nos tempos pioneiros, principalmente no exercício da presidência da Casa de Ismael, quanto por sua ininterrupta, incansável atividade em favor dos pequeninos, dos deserdados, dos aflitos de toda natureza, em nome da caridade.

É, sem dúvida, pelos inconfundíveis traços de sua luminosa personalidade que ele ficou justamente conhecido, em nossos círculos, como “Médico dos pobres”.

As revelações em torno desse bondoso Espírito o apontam como um dos diretores espirituais da Seara do Mestre em nossa terra, e, nessa condição, ele tem prosseguido a sua obra após a desencarnação, invariavelmente fiel à missão que o próprio Jesus lhe confiou numa assembléia realizada no Infinito sob a direção de Ismael, o Anjo do Senhor.

Assim é que, como Espírito, Bezerra de Menezes se tem desvelado no exercício da caridade e da humildade, aqui conclamando os adeptos à união fraterna, ali levantando os que tombam, curvados sob o peso das ásperas provações terrenas, acolá encaminhando Espíritos endurecidos no erro para a regeneração, a todos dando o exemplo da abnegação, do devotamento, da mansidão, da benevolência, da indulgência, do perdão como únicas vias da felicidade.

A Federação Espírita Brasileira, como justa reverência ao eminente Servo do Senhor, dá a público o presente volume que enfeixa uma seleção de seus escritos, em vida física e na liberdade da vida espiritual, bem como de algumas produções com que encarnados e desencarnados lhe têm homenageado a memória.

Inobstante a existência das excelentes obras Vida e obra de Bezerra de Menezes, de Sylvio Brito Soares, Grandes espíritas do Brasil, de Zêus Wantuil, e Allan Kardec (Pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação), de Francisco Thiesen e Zêus Wantuil, todas de nossa edição, em que se encontram ricas informações sobre Bezerra de Menezes, impunha-se disponibilizar o valioso material que compõe este livro, o qual, por se achar esparso em coleções de Reformador e em livros

diversos de edição da FEB, tornava dificultoso o seu conhecimento, tanto ao leitor comum como ao pesquisador. O centenário de desencarnação do honorável missionário propiciou-nos o ensejo para concretizarmos o desiderato.

Creemos que, com a presente publicação, estamos servindo aos altos propósitos da atuação daquele venerável apóstolo do Espiritismo no Brasil, relembrando aos adeptos, pela reapresentação de seus escritos, os critérios por excelência para a boa prática da Doutrina, critérios que os espíritas sérios e conscientes vêem resumidos nas grandiosas divisas e exortações: “Amai-vos uns aos outros” — “Fora da Caridade não há salvação” — “Trabalho, Solidariedade, Tolerância” — “Mas o maior dentre vós será vosso servo” — “Deus, Cristo, Caridade”. Elas efetivamente nortearam os passos de Bezerra de Menezes. Seguindo-as, asseguraremos ao Movimento, às nossas vidas, à sociedade, a todas as nossas construções, morais e materiais, a solidez que as tornará imunes contra as insidiosas arremetidas das paixões inferiores com todo o séquito de seus deploráveis prejuízos.

A EDITORA

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2000.

# I Artigos em Reformador



## Uma obsessão

*Sr.* Redator. — Em dias do mês de fevereiro deste ano, procurou-me uma pobre mulher de meu conhecimento para pedir-me que desse remédio a seu filho, rapaz de 22 anos, há tempos sofrendo de perturbação mental, e ultimamente acometido de verdadeira fúria que assusta toda a família.

Pela história que ela me fez, suspeitei de uma obsessão, e, conforme com este pensamento, disse-lhe que nos trouxesse o doente, visto sair ele à rua.

No dia seguinte, voltou a triste mãe a dizer-me que seu filho recusava-se tenazmente a vir falar comigo.

Subiu de pronto minha suspeita, e reiterei a ordem de me trazer o rapaz na próxima quarta-feira, dia em que havia sessão do grupo Luz e Caridade no lugar onde o mandei vir.

Marquei às 11 horas da manhã para não complicar o meu trabalho com os do grupo e de onde estava impus a minha vontade ao doente

para que não deixasse de vir, invocando ao mesmo tempo o auxílio dos bons Espíritos.

No dia e à hora aprazados entrou-me a mulher, dizendo que seu filho, muito constrangido, viera, mas que só o fizera com a condição de não trazer paletó.

Compreendi que seu perseguidor lhe impôs aquela condição para demovê-lo do propósito de obedecer ao meu chamado e fiz entrar a vítima, mesmo em calças e colete.

Reconheci um homem desvairado, que dizia coisas sem nexos e até incompreensíveis.

Examinei-o sobre seus princípios religiosos e vi, com surpresa, que neste ponto não desvairava.

Acreditava em Deus, sem cuja vontade nada faz; na imortalidade da alma, com a responsabilidade por suas obras; enfim era um verdadeiro cristão.

De leve expliquei-lhe a causa de seu mal, que ele reconhecia, e perguntei se lhe repugnava orar a Deus por seu perseguidor.

Respondeu-me que fã-lo-ia de boa vontade, o que me fez crer que seu espírito tinha consciência da justiça com que sofria e levava seus sofrimentos com humilde resignação.

Neste ponto, um médium que entrara, sem que eu o tivesse visto, sofreu tão forte atuação que deu um salto da cadeira, causando-me susto.



Despedi o doente sob promessa de orar todos os dias por seu perseguidor e dirigi ao Espírito que o abordava palavras de moralização.

O médium foi novamente atuado violentamente, dando assim uma prova de que o infeliz procurava, em sua fúria, um instrumento para me repelir.

Não tendo um centro, recomendei ao médium que resistisse e dei por terminado o trabalho.

À tarde, quando se reuniu o grupo, foi o mesmo médium atuado, e disse para mim:

— Vim pagar-te o sermão de hoje de manhã.

Foi tremenda a luta com aquele Espírito, que resistiu a todos os argumentos, escarnecendo quando eu falava em Deus, e declarando ser-lhe impossível deixar o prazer de se vingar do que fora seu algoz noutra existência.

Debalde o bom Romualdo provou-lhe, com um quadro de existência sua passada, que o mal que lhe fez aquele moço já fora em represália de mal igual que ele lhe fizera; e portanto, que o verdadeiro algoz era ele.

Riu e escarneceu do quadro e ficou firme em seu endurecimento.

Romualdo então falou-lhe por um outro médium, dizendo que sua vítima, tendo sofrido resignadamente aquela dura expiação, já merecia a misericórdia do Senhor.

E pois, que ele não queria compartilhar daquele bem, perdoando-lhe, ser-lhe-ia desde ali

tirada a vista e a fala, para que nunca mais pudesse alcançar sua vítima e ao mesmo tempo para que sofresse ele a pena de sua ferocidade.

Terminada a sessão, disse-nos Vicente de Paula, guia do grupo, que aquele Espírito era da ordem dos que só com jejum poderiam ser dominados, segundo disse Jesus Cristo.

Passaram-se trinta e tantos dias sem que pudesse eu ter notícia do meu doente.

Em meados de março, veio ele visitar-me e eu senti o mais vivo prazer, verificando que se acha completamente restabelecido, na mais perfeita integridade intelectual.

Quanta moralidade, quanta luz decorrem desta singela observação!

Ela revela-nos a pluralidade de existências no fato de ter sido, a vítima de hoje, o algoz de ontem.

Revela-nos a influência maléfica e, por oposição, a benéfica dos Espíritos desencarnados sobre os encarnados, demonstrando que os demônios não são, bem como os anjos, senão seres humanos, escravos ainda, aqueles de suas paixões, elevados estes a um altíssimo grau de perfeição.

...

EXTRAÍDO DE REFORMADOR DE 15-4-1890.

2

## Evolução religiosa de Bezerra de Menezes

1)

Que crenças tinha antes de ser espírita?

Nasci e criei-me, até aos dezoito anos, no seio de uma família tradicionalmente católica, que levava a sua crença até à aceitação de um absurdo, por mais repugnante que fosse, imposto à fé passiva dos crentes, pela Igreja Romana.

Aprendi aquela doutrina e acostumei-me às suas práticas, mas empiricamente, sem procurar a razão da minha crença.

Dois pontos, entretanto, me apareciam luminosos no meio daquela névoa; eram: a existência da alma, responsável por suas obras, e a de Deus, criador da alma e de tudo o que existe.

Ao demais, eu considerava sagrado tudo o que meus pais me ensinavam a crer e a praticar: a religião católica apostólica romana.

Aos dezoito anos, e naquela disposição de espírito, deixei a casa paterna para vir fazer meus

estudos na capital do Império, onde vivi, mesmo no tempo de estudante, sobre mim, sem ter a quem prestar obediência.

Continuei na crença e práticas religiosas, que eu trouxe do berço; mas na convivência com os moços, meus colegas, em sua maior parte livres pensadores: ateus, comecei batendo-me com eles — e acabei concorde com eles, parecendo-me excelso não ter a gente que prestar contas de seus atos.

Não foi difícil esta mudança, pela razão de não ser firmada em fé raciocinada a minha crença católica; mas, apesar disto, a mudança não foi radical, porque nunca pude banir de todo a crença em Deus e na alma.

Houve em mim uma perturbação, de que nasceu a dúvida. Fiquei mais cético do que cristão — e cristão somente por aqueles dois pontos.

Em todo caso, deixei de ser católico — e via os meus dois pontos luminosos por entre as nuvens.

Casei-me com uma moça católica, a quem amava de coração — e sempre respeitei suas crenças, guardando nos seios da minha alma a descrença.

No fim de quatro anos, fui subitamente batido pelo tufão da maior adversidade que me podia sobrevir: minha mulher me foi roubada pela morte, em vinte horas, deixando-me dois filhinhos, um de três anos e outro de um.

Aquele fato produziu-me um abalo físico e moral, de prostrar-me.

As glórias mundanas, que havia conquistado mais por ela do que por mim, tornaram-se-me aborrecidas, senão odiosas — e, como delas, coisas da terra, eu não via nada, nada encontrei que me fosse de lenitivo a tamanha dor.

Sempre gostei de escrever, mas inutilmente tentava fazê-lo, porque no fim de poucas linhas tédio mortal se apoderava de mim.

A leitura foi sempre a minha distração predileta; mas dava-se a este respeito o mesmo que a respeito de escrever: abria um, outro, outro livro sobre Ciência, sobre Literatura, sobre o que quer que fosse, mas não tolerava a leitura de uma página sequer.

Um dia, meu companheiro de consultório trouxe da rua um exemplar da Bíblia, do padre Pereira de Figueiredo, entressachado de estampas finíssimas.

Tomei o livro, não para ler, que já não tentava semelhante exercício; mas para ver as estampas, com verdadeira curiosidade infantil.

Passei todas em revista; mas, no fim, senti desejos de ler aquele livro que encerrava minhas perdidas crenças, e que era vergonha para um homem de letras dizer que nunca lera.

Comecei, pois, e esqueci-me a ler o belo livro, até perder a condução para minha casa; e depois que estive nesta, sentia prazer em pensar que voltaria a lê-lo!

Eu mesmo fiquei surpreendido do que se passava em mim!

Li toda a Bíblia e, quanto mais lia, mais vontade tinha de continuar, sentindo doce consolação com aquela leitura.

Quando acabei, eu sentia a necessidade de crer, não dessa crença imposta à fé, mas da crença firmada na razão e na consciência.

Onde descobrir-lhe a fonte?

Atirei-me à leitura dos livros sagrados, com ardor, com sede; mas sempre uma falha ao que meu espírito reclamava.

Começaram a aparecer as primeiras notas espíritas no Rio de Janeiro; mas eu repelia semelhante doutrina sem conhecê-la nem de leve! somente porque temia que ela perturbasse a tal ou qual paz que me trouxera ao espírito a minha volta à religião de meus maiores, embora com restrições.

Um colega, porém, tendo traduzido O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec, fez-me presente de um exemplar, que aceitei, por cortesia.

Deu-mo na cidade, e eu morava na Tijuca, a uma hora de viagem de bonde.

Embarquei com o livro e, não tendo distração para a longa e fastidiosa viagem, disse comigo: ora, adeus! não hei de ir para o inferno por ler isto; e, depois, é ridículo confessar-me ignorante de uma filosofia, quando tenho estudado todas as escolas filosóficas.

Pensando assim, abri o livro e prendi-me a ele, como acontecera com a Bíblia.

Lia, mas não encontrava nada que fosse novo para meu espírito, e entretanto tudo aquilo era novo para mim!

Dava-se em mim o que acontece muitas vezes a quem muito lê e que, um dia, encontra uma obra onde depara com idéias que já leu, mas que não sabe em que autor.

Eu já tinha lido ou ouvido tudo o que se acha em O Livro dos Espíritos, mas com certeza nunca tinha lido obra alguma espírita e, portanto, me era impossível descobrir onde e quando me fora dado o conhecimento de semelhantes idéias!

Preocupei-me seriamente com este fato que me era maravilhoso e a mim mesmo dizia: parece que eu era espírita inconsciente, ou, como se diz vulgarmente, de nascença, e que todas essas vacilações que sentia meu espírito eram marchas e contramarchas que ele fazia, por descobrir o que lhe era conhecido e, porventura, obrigado a isto.

Eis o que fui e em que crença vivi, até que fui espírita.

...

ADOLFO BEZERRA DE MENEZES

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1892.

EXTRAÍDO DE REFORMADOR DE 1892.

# Sobre o autor:

ADOLFO BEZERRA DE MENEZES nasceu no estado do Ceará em 29 de agosto de 1831.

Veio para o Rio de Janeiro em 1851, onde doutorou-se, em 1856, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Por sua incansável atividade em benefício dos necessitados de toda natureza, ficou conhecido como Dr. Bezerra de Menezes, “o médico dos pobres”.

Em 1863 desposou D. Maria Cândida de Lacerda que lhe deixou dois filhos. Em 1865, casou-se em segundas núpcias com D. Cândida Augusta de Lacerda Machado, de quem teve sete filhos.

Iniciou sua trajetória política em 1860 pelo Partido Liberal, ocupando os cargos de Vereador, Presidente da Câmara Municipal da Corte e Deputado Geral. Em 1885 encerrou suas atividades políticas, tendo sempre agido em favor da justiça e da honestidade.

Bezerra de Menezes construiu a Companhia de Estrada de Ferro Macaé a Campos e, em 1872, participou da abertura do “boulevard” 28 de Setembro.

Conheceu o Espiritismo em 1875 ao ler a tradução de O Livro dos Espíritos. No ano de 1886, no salão da Guarda Velha, diante de quase 2.000 pessoas, proclamou-se espírita.

Em 1887 inicia uma série de artigos, sob o pseudônimo Max, publicados no jornal O Paiz, sem que fosse interrompida sua colaboração na revista Reformador.

Em tempos difíceis, marcados pelo divisionismo dos espíritos em “científicos” e “místicos”, Bezerra de Menezes assume a presidência da Federação Espírita Brasileira, exercendo tal cargo em 1889 e de 1895 a 1900, e logo instituindo o estudo sistemático de O Livro dos Espíritos.

Conhecido como “Kardec brasileiro”, foi intensa e fundamental a sua atividade em prol da união e em defesa dos direitos e liberdade dos espíritos.

Desencarnou em 11 de abril de 1900, prosseguindo, no mundo espiritual, o trabalho pela união em torno dos ideais cristãos.